

O PAPEL DO ORIENTADOR NO CONTEXTO EDUCACIONAL

THE ROLE OF THE ADVISER WITHIN EDUCATION

Lilian Soares Alves Branco

Mestranda em Educação; Especialista em Gestão Educacional, Orientação, RH e Administração de Empresas; Pedagoga Multimeios e Informática Educativa; Cursando Administração de Empresas Uninter; Tutora Uninter. lilian.sab@gmail.com

RESUMO

O presente artigo primeiramente apresentará uma reflexão acerca do histórico da orientação no Brasil e as influências recebidas de outros países, após abordará sobre o papel do orientador no contexto educacional, as diferentes práticas pedagógicas realizadas com alunos, professores e toda a comunidade escolar. No contexto educacional, busca-se entender sua história, até a formação específica para executar a função orientadora, assim buscando responder o seguinte problema: Qual o papel do orientador no contexto educacional? Tendo como objetivo principal entender a sua organização, formação e atuação no âmbito educacional. A metodologia adotada na realização desta pesquisa foi de caráter qualitativo e bibliográfico, apoiando-se na análise de textos publicados, tanto na literatura especializada, como em periódicos (impressos e/ou disponibilizados no meio virtual). A partir deste estudo concluiu-se que o papel do orientador é de suma importância para a comunidade escolar, pois este é profissional que busca articular e se comunicar com todos, auxiliando tanto os alunos nos seus processos de ensino e aprendizagem, de aconselhamento, até os professores na busca por uma identidade profissional, e auxílio na sua prática pedagógica, além de promover a aproximação e participação da comunidade com a escola, também busca ajudar a equipe na construção do Projeto Político Pedagógico, para que possa melhor desenvolver e contribuir para a formação de um cidadão crítico, através de um ensino de qualidade.

Palavras-chave: Educação. Orientação. Prática.

ABSTRACT

Firstly, the following paper is going to present some thoughts regarding advising in Brazil and the influences from other countries. Then, it is going to analyze the role of the adviser within education and different pedagogical practices performed along with students, teachers and the whole school community. Having the educational environment as its core, the study tries to understand advising background as well as how teachers become advisers in order to answer the following question: "What is the role of the adviser within education?". Its main objective is to understand how they organize themselves, their academic background and where they work when it comes to education. The methodology adopted for the following study is qualitative and bibliographical supported by a specific literature, or periodicals, text analysis (either printed or made available digitally). It was concluded that the role of the adviser is paramount for the school community because he/she is a professional who seeks to negotiate and communicate with everyone in order to help students in their learning teaching and advisement processes as well as teachers in their search for a professional identity and as a pedagogical practice aid. Advisers try to encourage the school community to get together and participate, as well as helping teachers to establish their Pedagogical Political Project in order to develop and contribute to form a critical citizen through qualified education.

Keywords: Education. Advising. Practice.

INTRODUÇÃO

O contexto educacional abrange muitos profissionais, que contempla importantes e indispensáveis funções, tudo para garantir um ensino de qualidade, um processo de ensino e aprendizagem significativo para o aluno, que perpassa ao ensino tradicional, a transmissão de conteúdos e a complexa contradição da sociedade capitalista.

A preocupação da educação deve ser voltada para a formação do cidadão, para a democratização do conhecimento baseada em uma gestão democrática, e por isso se faz necessário no interior das escolas contar com o apoio e competência do pedagogo, já que este está habilitado para exercer diferentes funções.

A função do pedagogo que aqui vamos destacar é a função orientadora, considerando o histórico do surgimento da orientação, os espaços de atuação, formação e prática educativa, o papel do orientador e as práticas realizadas na comunidade escolar.

Diante da contextualização apresentada, busca-se elucidar a seguinte questão: Qual o papel do orientador no contexto escolar? Sendo que o principal objetivo é compreender as práticas de atuação com os alunos, com os professores e com a comunidade, já que este profissional se comunica com toda a comunidade escolar.

Assim, iniciamos este trabalho apresentando sobre o histórico e origem da orientação no Brasil, bem como as influências recebidas de outros países, considerando suas diferentes missões, desde atuar com aconselhamento vocacional e profissional, passando por uma espécie de psicólogo escolar, até ao atendimento aos alunos “problema”, considerando os aspectos pedagógicos e de convivência, não da dimensão terapêutica, que muito foi confundido.

Após buscamos apresentar sobre os diferentes papéis que o orientador pode executar na sua prática pedagógica, seja com os alunos, com os professores, e com a comunidade escolar, destacando as importantes práticas realizadas por este profissional, que certamente podem contribuir para a diálogo e provocar mudanças nas relações existentes, possibilitando assim o entendimento do papel deste profissional na educação, e partir deste estudo, apresentaremos nossas considerações sobre o tema pesquisado.

O PAPEL DO ORIENTADOR NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Para entendermos o papel do orientador no contexto educacional, precisamos entender sua origem e trajetória até chegarmos ao atual contexto. Historicamente, o pedagogo exercia a função de inspetor, administrador, supervisor e orientador escolar, marcado pela fragmentação das habilitações em sua formação e atuação.

Nesta época o papel do orientador era atender os alunos com dificuldades de aprendizagem, porém mais especificamente a partir da reformulação do curso de Pedagogia pelas atuais Diretrizes Curriculares Nacionais (Resolução CNE/CP nº1, de 15/05/2006), não há mais a formação baseada em habilitação específica, mas sim de um pedagogo unitário, que tem uma base prática na função supervisora e orientadora, estruturada no contexto sócio histórico e político. Para Libâneo (2005) a abrangência da pedagogia é maior do que a docência, um professor é um pedagogo, mas nem todo pedagogo precisa ser professor.

A partir desta Diretriz as habilitações específicas deixam de existir, mas a função orientadora continua existindo no trabalho do pedagogo escolar, assim, se torna importante entender a atuação do pedagogo na atualidade, resgatando seu processo histórico, para que possamos melhor compreender a função e origem do orientador. Segundo ALMEIDA e SOARES,

“Nesse contexto, a educação não é algo perene, imutável ao longo da história; é uma prática social complexa [...] e o trabalho pedagógico, por sua vez, constitui-se em um conjunto de práticas sociais intencionalmente sistematizadas de formação humana, que ocorre nas relações sociais de acordo com cada fase específica de desenvolvimento das forças produtivas numa determinada sociedade”. (2012, p. 15-16)

O pedagogo é o profissional que irá atuar nas escolas e em todos os níveis escolares, desenvolvendo ações de supervisão e orientação, é aquele que domina as formas de organização do processo de formação cultural que se desenvolve no interior das escolas.

O pedagogo tem uma ampla visão do processo educacional como um todo, que aqui consideraremos a origem da orientação coincidindo com o desenvolvimento da sociedade capitalista de classes sociais, que coloca a orientação como um mecanismo de

ajustamento dos indivíduos às necessidades da ordem social. Segundo SEVERINO “a esfera básica da existência é a do trabalho propriamente dito, ou seja, prática que alicerça e conserva a existência material dos homens, já que a vida depende radicalmente dessa troca entre o organismo e a natureza física”. (2000, p. 34)

Sob estas condições sócio histórica específica, onde ocorreu a cisão entre a função de pensar e executar, mais especificamente em torno de 1930, foi criada a divisão do trabalho intelectual e trabalho manual, uma característica marcante dessa fase, onde buscava selecionar as pessoas conforme as capacidades requeridas para o desempenho da função. A partir daí o trabalho passa a ser encarado como um ponto de vista técnico, como um modo de trabalho, que passou a ser modelado e dominado pelo capitalismo, através da acumulação de capital.

Nessa corrente, buscava-se a necessidade do indivíduo estar adaptado às funções, de executar as tarefas que são solicitadas, de estar bem adaptado às funções a serem desempenhadas, assim surgiu a figura do orientador.

A atividade de orientação desenvolveu-se baseado nas formulações da psicologia diferencial, que segundo PIMENTA (1995), era responsável pela criação dos testes de inteligência e realizada em escritórios próprios com base no princípio que fundamentava a divisão do trabalho a partir do século XVIII.

A princípio o trabalho de orientação era realizado nas empresas, posteriormente passou a ser realizada por uma instituição exterior à empresa (escritórios), trabalhando com a ideia de que obter um emprego depende das capacidades de cada um. A orientação busca orientar quanto a inserção no mercado de trabalho e a profissionalização, atuando de forma tecnicista, trabalhando as diferenças individuais, uma espécie de aconselhamento – abordagem centrada na pessoa.

Porém, para realizar a capacitação profissional, esta passou a atuar no interior das escolas, buscando desenvolver hábitos, atitudes e conhecimentos necessários para o desenvolvimento do cargo, a partir daí o trabalho de orientação passou a ser chamado de orientação escolar, passando a atuar junto com os alunos, auxiliando-os nas suas dificuldades.

Passou-se a considerar os fatores emocionais, psicológicos no processo educacional, considerando a orientação como um processo de aconselhamento,

buscando perceber as dificuldades, dúvidas e conflitos que os alunos enfrentam no dia a dia, além dos relacionados à escolha profissional. Segundo ALMEIDA e SOARES,

“A orientação escolar norte-americana, objetivando o ajustamento dos alunos no desenvolvimento da sociedade, estabeleceu alguns princípios cardeais da orientação: saúde dos alunos; integração satisfatória na vida familiar e social; cidadania; vocação; uso adequado do tempo de lazer; formação do caráter”. (2012, p. 29)

No Brasil, a orientação foi implementada com ênfase no processo de seleção e escolha profissional, baseado na visão norte americana, sendo que a orientação escolar foi introduzida anos depois com Reforma Educacional de 1942, em que surgiu a Lei Orgânica do Ensino Industrial.

Porém, a seleção e orientação profissional, bem como a orientação educacional já não era suficiente, ou seja, não contemplava todos os aspectos necessários a formação do ser humano; assim se fez necessário o estudo das relações humanas, considerando o aspecto familiar, escolar, social e profissional.

Além, da influência americana, tivemos influência francesa, que considerava o serviço de orientação como um serviço de psicologia escolar, objetivando conhecer o educando de forma formal e informal, realizava-se um dossiê com todas as informações dos educandos, baseado na aplicação de testes e da técnica de aconselhamento diretivo, que serviria para orientar pais e professores, chamado de psicólogo escolar. Segundo ALMEIDA e SOARES,

“A aplicação dos testes psicológicos também estava presente na ação do orientador educacional. Baseado nos conhecimentos da psicologia, ele desenvolvia atividades em grupo e individual e o trabalho de aconselhamento era baseado na coleta de informações, que era o material de arquivo desse profissional”. (2012, p. 29)

No Brasil, a orientação teve sua referência explícita na Lei Orgânica de 1942 e 1946, onde o ensino médio foi dividido entre formação profissional e formação secundária, porém que a orientação se desenvolvia prioritariamente na escola média secundária, pois esta tinha a finalidade da formação integral do adolescente, além de dar preparação intelectual geral que serviria de base para estudos mais elevados de formação especial, já

a orientação profissional foi desenvolvida no ensino médio profissionalizando, objetivando a formação da mão de obra industrial.

Porém, neste período mais da metade das escolas secundárias eram dirigidas por entidades religiosas, então foi nas escolas particulares em especial nas católicas, que o serviço de orientação mais se desenvolveu. A educação começa a buscar seu objetivo maior, a formação do aluno cidadão, porém ainda se depara com um ensino diferenciado para os menos favorecidos economicamente, designados para o trabalho pesado e manual.

Na década de 1950 e 1960, em São Paulo e no Rio de Janeiro, a orientação educacional recebeu diferentes incentivos, mas sua ampliação só acontece em 1970 com a Lei nº 5.692/1971 e com a reformulação do curso de Pedagogia. Para CASTELEINS e COSTA,

[...] a Lei nº 4.024/1961, instituiu nas escolas de Ensino Médio e Ensino Primário a Orientação tendo uma visão educativa voltada para a Orientação Educacional Vocacional em cooperação com a família. Em 1968 foi promulgada a lei 5.564/68 Lei do Ensino Superior, onde prevê o exercício da profissão do Orientador em que foi confirmada a linha psicológica e a função de prevenção. Em 1971 foi promulgada a Lei nº 5.692/71 que ajusta os três níveis de ensino buscando a qualificação para o trabalho. (2016)

No Brasil, a orientação educacional expandiu a partir da década de 1970, com o princípio de “aconselhamento vocacional”, a iniciação para o mundo do trabalho e a sondagem de conhecimentos, habilidades e atitudes do educando. Não esquecendo que a orientação foi criada baseada numa educação reguladora, sem atender as necessidades das escolas e dos educandos, introduzindo nos indivíduos as regras sociais estabelecidas.

A partir daí a orientação passou a ser obrigatória nas escolas, desenvolvendo um trabalho conjunto com a família e a comunidade, porém segundo GRINSPUN (2001, p. 20) “o orientador deveria realizar o aconselhamento vocacional em cooperação com a família, escola e sociedade, na realidade o que realizou foi uma informação profissional”.

Diante destes problemas, buscou-se resgatar o real objetivo da escola para a sociedade, buscou trabalhar o comprometimento desse profissional, através de atividades integradas e cursos de capacitação, ampliando a visão de que o orientador deveria atender ao indivíduo e seus problemas, era necessário um profissional que

contemple no seu trabalho os alunos, a escola e perpassasse as práticas psicológicas, as teorias do desenvolvimento.

Então, começou a mudar o trabalho de orientação, agora mais voltado ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, respeitando as individualidades, bem como as dificuldades de aprendizagem, tentando promover a interação do aluno, do grupo, tentando conhecer e entender o seu mundo, trazendo para dentro da escola, e assim buscar uma melhor promoção do seu desenvolvimento, já que esse é o principal objetivo da educação, auxiliar na formação e desenvolvimento do educando, de forma crítica, íntegra e consciente, além de provocar mudanças necessárias nas atitudes de professores e alunos.

Esse foi o histórico da orientação educacional, atendendo uma necessidade ou interesse político social de uma época, o que hoje faz parte da ampla prática pedagógica, desfragmentando a educação, mas com objetivo de formar para o todo, para a uma educação integral e transdisciplinar.

PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

A educação percorreu um caminho de mudança social, política, cultural, histórica e econômica em nossa sociedade, o que certamente difere e reflete nos conceitos dados e funções de cada profissional da educação, pois respeita seu tempo e história da época, assim acontece com o papel do orientador, que foi praticamente criado na época industrial, onde seu papel e objetivo era atender/formar para o capitalismo.

Hoje, depois de muitas discussões e avanços, a educação busca integrar o aluno e formar um cidadão crítico, se preocupando com sua formação e desenvolvimento, respeitando e valorizando seus conhecimentos, habilidades e atitudes, aproximando o mundo do educando para dentro da escola, realizando um trabalho conjunto e integrado e de forma interdisciplinar. A educação não pode antecipar a transformação da sociedade, mas pode muito contribuir para que ela aconteça, ou seja, a reforma da educação e da sociedade andam juntas nesse processo.

Conforme Freire é importante valorizar e considerar a realidade do aluno como um todo, a educação deve ser um serviço da democratização, a escola deve redimensionar

sua função social e repensar suas ações, ensinando o aluno a ler o mundo para transformá-lo. Segundo FREIRE,

“O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando a coragem”. (1996, p, 26)

Educar é muito além de transmitir conteúdo é considerar tudo que envolve e influencia o aluno no processo de ensino e aprendizagem, inclusive seus sentimentos, medos e emoções, somente assim ela terá uma aprendizagem significativa, que segundo AUSUBEL (2003) a partir de um conceito geral (já incorporado pelo aluno) o conhecimento pode ser construído de modo a ligá-lo com novos conceitos facilitando a compreensão das novas informações, o que dá significado real ao conhecimento adquirido, ou seja, uma aprendizagem efetiva.

AUSUBEL destaca a importância de valorizar o conjunto de conhecimentos que o aluno traz consigo, sabemos que isso não é uma tarefa fácil, mas é para isso que lutamos e buscamos todos os dias, ajudar a contribuir na formação e transformação dos educandos, e aí entra o papel do orientador, que tem muito a contribuir nesse processo. Entendemos que este profissional deva “orientar”, dar sentido, dar um norte, uma direção ao educando, além das contribuições para a comunidade a qual representa. Segundo GRINSPUN,

“[...] primeiro, que há a necessidade, hoje, de se ter na escola um profissional que além de ensinar ou ensinar a aprender a aprender ajude o aluno a fazer as novas leituras que o mundo está a exigir de forma crítica, investigativa e reflexiva; um profissional tanto quanto os outros que tratem das especificidades das áreas do conhecimento(...) o orientador procura ajudar a escola a compreender e buscar sua verdadeira missão, mesmo num mundo repleto de contradições e incertezas”. (2003, p. 87)

Podemos observar que o papel do orientador vai muito além dos muros escolares, assim como muito além de ser mediador, ele não pode ter mais uma visão fragmentada de educação e do conhecimento, pois ele atua com vários atores e espaços, passando a analisar, refletir e discutir com todos que atuam na escola, de forma pedagógica. Segundo PIMENTA,

“A função orientadora do pedagogo escolar “tem como referência, ponto de partida e ponto de chegada, a relação professor/aluno, enquanto instância fundamental, no âmbito da escola, do processo de transmissão/apropriação dos conteúdos”. (1995, p. 153)

O autor destaca as dimensões do trabalho de orientação, passando pela formação continuada dos professores, buscando assessorar o professor na relação teoria e prática, e na sua instrumentalização do processo de aprendizagem. Para ESCOTT,

[...] cabe ao orientador educacional assessorar o professor na relação teoria/prática/realidade. É preciso criar estratégias para investigação da realidade individual dos alunos e a história dessa comunidade. Redimensionar os espaços de reuniões pedagógicas como forma de análise crítica dessa realidade, significa comprometer-se e comprometer os professores a uma ação político-pedagógica efetiva voltada às classes populares”. (1996, p.66)

Já NEIVA citando PIERON define a orientação educacional como “[...] tarefa social destinada a guiar os indivíduos na escolha adequada de uma profissão, de tal modo que possam exercê-la com êxito e satisfação pessoal” (1993, p. 385). Aqui a autora faz menção ao papel do orientador no início de sua carreira o que não deixa de ser e continuar a ser exercido como um dos seus papéis, já que é papel da escola preparar para o trabalho.

A orientação também já teve a função de ajudar “alunos com problemas”, porém hoje estamos inseridos em uma nova abordagem, onde os problemas são outros, e o que buscamos é um cidadão mais comprometido com seu tempo e sua gente, com uma visão mais ampla da realidade. Segundo GARCIA,

“[...]uma das funções específicas do orientador educacional é a socialização do saber sobre o aluno, na medida em que a ele cabe trazer a realidade do aluno para o currículo. O saber sobre o aluno concreto, confrontado com as teorias do desenvolvimento e de aprendizagem, vai possibilitando a criação coletiva de uma teoria mais adequada ao aluno brasileiro, e a construção de uma prática pedagógica que atenda melhor o aluno real”. (1986, p. 18-19)

Sua função inclui também auxiliar não só os alunos, mas também os professores na sua postura pedagógica, na construção da sua autonomia. Segundo VASCONCELLOS

(2007, p. 76) “[...]o orientador até pelo lugar institucional que ocupa, pode ajudar o professor nesta construção, nesta busca de identidade profissional”.

O trabalho do orientador é visto em todos os espaços e processos escolares, seja com o aluno, com a equipe diretiva, com os docentes, com a comunidade, ele se comunica com todos, mesmo que trabalhando com objetivos específicos ou em projetos coletivos, não anula o objetivo maior, que é a educação, um ensino de qualidade.

Esse trabalho deve ser realizado com segurança, para que possa auxiliar a todos na implementação e coordenação no trabalho escolar, visando estimular e promover iniciativas para a democratização e participação de todos. Segundo VASCONCELLOS,

[...] da sala de aula até o relacionamento com a comunidade, da discussão da proposta de conteúdos à elaboração do projeto político-pedagógico, da elaboração das normas de trabalho em sala de aula às normas de convivência da escola, da prática didática cotidiana às decisões no Conselho de Escola etc.”
(2007, p.77)

Quando falamos em participação de todos, não podemos deixar aqui de destacar o processo de inclusão como um dos seus maiores desafios, ou a questão mais polêmica da atualidade no âmbito escolar, sendo que essa deve ser contemplada no Projeto Político Pedagógico como uma concepção de educação e aprendizagem.

E além do desafio da inclusão, ALMEIDA e SOARES citam outras ações específicas,

[...] a organização da representatividade estudantil; o processo de inclusão dos alunos com deficiência e necessidade educativa especial; a orientação dos estudos; a orientação profissional; a avaliação e o encaminhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem para atendimento especializado e serviços de apoio pedagógico; a definição de critérios para a composição das turmas e para a escolha de professores para cada uma delas; a discussão e o encaminhamento sobre a questão disciplinar”. (2012, p.92)

A orientação de estudos e profissional, já é realizada desde sua função inicial, o que modificou foi a forma e objetivo que é realizado, certamente evoluiu, e muitas outras funções foram inclusas para este profissional, buscando um ensino de qualidade através de uma gestão democrática.

É por uma perspectiva de transformação social, de uma luta mais justa e igualitária que buscamos entender a função orientadora do pedagogo, respeitando sua história, sistemática e organização, para a compreensão do processo de ensino de aprendizagem, da construção do conhecimento e formação do cidadão. Esse estudo não esgota, nos leva a refletir sobre tamanha responsabilidade que temos, nós como profissionais da educação, e independente da função que atuamos, lidar com educação é um desafio, é para isso que estudamos e buscamos uma formação e capacitação continuada, para contribuir para a formação de um cidadão crítico, que busque uma transformação social, mesmo que iniciamos com os limites interpostos pela sociedade capitalista.

METODOLOGIA

Neste será descrito a metodologia adotada para realização do trabalho, ou seja, o método e técnicas realizadas para atingir o objetivo da pesquisa. Segundo LAKATOS E MARCONI,

[...] método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo e os conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões dos cientistas. ” (1991, p.46)

Para ROESCH (1996), a metodologia é o item que descreve como, ou de que forma, se pretende atingir os objetivos específicos do projeto de pesquisa, considerando sua ordem, regras e técnicas. O propósito deste trabalho foi realizar uma pesquisa teórica descritiva, de caráter qualitativo, visando levantar dados relevantes ao interesse deste artigo, buscando responder o problema proposto.

Para o levantamento dos dados utilizou-se uma base teórica constituída a partir da pesquisa bibliográfica, realizada em textos publicados, tanto na literatura especializada, como em periódicos impressos e disponibilizados na internet. Segundo GIL,

“A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de evento científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela internet. (2010, p.29)

A partir da coleta dos dados buscou-se fazer a análise e compreensão do tema, através de uma leitura exploratória, seletiva e analítica, para elaboração do trabalho, realizando um aprofundamento e interpretação das informações. Segundo GIL “consiste na organização das ideias com vista a atender aos objetivos, para que ele possa ser dotado de sentido.” (2010, p. 63)

Esse estudo também considerou a experiência da pesquisadora na área educacional, seus anseios e tema de interesse para que a pesquisa se tornasse instigante e significativa, mas principalmente dotada de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação ocupa um lugar e espaço especial em nossas vidas, se pensarmos o tempo que dedicamos, e tudo que aprendemos e conquistamos através da educação, não teria como evidenciar tamanha diferença que faz em nossas vidas, por isso acredito que educar é transformar, é nos possibilitar um mundo de possibilidades.

Por acreditar na educação e no seu processo de transformação é que precisamos contar com profissionais capacitados e qualificados para o exercício da função no âmbito escolar, para que todos possam contribuir para a plena formação do aluno, tornando mais crítico e consciente, ajudando a encontrar seu caminho, através do desenvolvimento de seus conhecimentos, habilidades e atitudes, e do respeito a sua realidade e experiência.

Assim, percebemos que o trabalho do orientador está presente em todos os espaços da escola, muito ele tem a contribuir, atuando com os alunos, com professores e toda comunidade escolar, ele desenvolve, articula, comunica, orienta, coordena e implementa processos, buscando auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, bem como auxiliar os educandos na construção do mundo, mostrando seu lugar, enquanto sujeitos, profissionais e cidadão.

O orientador na sua prática com o educando busca mostrar e preparar para o trabalho, para um mercado cada vez mais competitivo, onde ele terá de aprender a

enfrentar mudanças, desafios, a buscar o conhecimento, a aprender a aprender, a adaptar-se ao novo, a novas regras impostas pelo grupo, aprender a conviver, tudo isso também é educar, é transformar, e acredito que muito mais difícil do que o ensinar um conhecimento, a vida é uma escola, e poucas pessoas nos orientam do como enfrentá-la, do como encarar os desafios, e o orientador mesmo que de forma simples, busca realizar esse papel nas suas práticas pedagógicas.

Porém, não podemos responsabilizar o ato de orientar pelo sucesso ou fracasso dos alunos, isso é consequência de uma série de fatores, não só do orientador na escola, mas do corpo docente, da família, e até do aluno, do seu comprometimento com a vida, com as pessoas, com o grupo a qual pertence, cada um deve fazer a sua parte, já que temos direitos e deveres a cumprir, mas certamente todos podem contribuir para um futuro melhor.

No início da trajetória da orientação, considerava-se o profissional de orientação como se fosse limitado, criado para atender a necessidade de uma sociedade capitalista, trabalhando a exclusão, onde somente os mais capacitados permaneciam e se destacariam na sociedade e no mercado de trabalho. Levou em consideração também os alunos “problema” com dificuldades de convivência e de se enquadrar nas regras estabelecidas. Mas muitos avanços na educação ocorreram, e hoje ver o papel do orientador é um deles. Ele conquistou seu espaço não só no âmbito escolar, mas na sociedade como um todo.

Destaco aqui a importância deste profissional na sociedade, o quanto ele tem a contribuir seja com os alunos ou outros profissionais, e o quanto precisamos de orientação em nossas vidas, seja na parte profissional, de formação e até como cidadão. Fazer esse papel, juntamente com as demandas diárias que ele tem para realizar é respeitável, pois ajudar na formação do cidadão já é um grande desafio, ainda mais numa sociedade desestruturada que estamos inseridos, com tanta diversidade cultural e com valores sendo modificados. Isso requer de todos nós profissionais da educação uma constante formação e capacitação profissional, para que possamos na auxiliar na construção deste novo cidadão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Claudia Mara de; SOARES, Kátia Cristina Dambinski. **Pedagogo Escolar: as funções supervisora e orientadora**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

AUSUBEL, D. P (2003). **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa, Plátano Edições Técnicas. Tradução o Português de Ligia Teopisto, do original The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view. 219p.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução n. 01, de 15 de maio de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF 16 maio 2006b. Disponível em: [http:// portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_o6.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_o6.pdf) . Acesso em 05/04/2016.

CASTELEINS, Vera Lúcia; COSTA, Caroline. **Orientação educacional e a formação do aluno cidadão em uma escola profissionalizante**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/PO-030-04.pdf>. Acesso em 20/03/2016.

ESCOTT, Clarice Monteiro. Diagnóstico: a possibilidade de conhecer a realidade. **Cadernos Pedagógicos**, Porto Alegre, n.10, p. 66-67, dez. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Regina Leite. Especialistas em educação: os mais novos responsáveis pelo fracasso escolar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Org.). **O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores educacionais**. São Paulo: Loyola, 1986.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. **A prática dos orientadores educacionais**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GRINSPUN, Mírian Paula Sabrosa Zippin (Org.). **Supervisão e Orientação Educacional: perspectivas de integração na escola**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **As diretrizes curriculares da Pedagogia: campo epistemológico e exercício profissional do pedagogo**. 2005. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/nova/Textos/JoseCarlosLibaneo2005.htm>. Acesso em: 15/03/2016.

NEIVA, Kathia Maria Costa. **Processos de escolha e orientação profissional**. 1ed. São Paulo: Vetor, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. **O pedagogo na escola pública**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1995. (Coleção Educar, v.10)

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de Estágio e de pesquisa em administração**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber com a intencionalização da prática. In: FAZENDA, Ivani C. Arantes (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Liberdade, 2007. (Coleção Cadernos Pedagógicos)